

MICROSCOPIO

Sumner Welles, ex-sub-secretario de Estado na America do Norte, não está ocupando atualmente nenhum cargo official. Por isto mesmo, nada o impede de ir ao fundo das questões e falar com inteira clareza.

Assim, a proposito da recente conferência de Moscou, apoia elle o principio, ali formulado, da igualdade soberana de todos os Estados, mas não se contenta com isto. E' necessário que esta igualdade se vá desde já exercitando, que todos os povos livres e amantes da paz sejam desde já chamados a colaborar nas deliberações que vão decidir o destino do mundo.

"Não creio — diz elle em artigo publicado nesta fôlha — que, terminada a guerra, os homens e as mulheres livres se submetam voluntariamente a uma ditadura de quatro potências, por mais benevolente, paternal e prudente que ela possa ser. O que as outras nações temem — acrescenta elle mais adiante — é que o appetite de faculdades autoritárias dos grandes Estados aumente com o exercicio das mesmas e, chegado finalmente o momento de criar uma organização internacional, os membros restantes das Nações Unidas se encontrem diante de fatos consumados no campo das decisões politicas". Termina Sumner Welles o seu artigo, esperando que "se organize imediatamente um Conselho das Nações Unidas, no qual os seus povos tenham representação direta ou indirecta, quando se tiver de decidir acerca da futura ordem mundial".

Não parece possa haver nada mais sensato do que isto, nem merecedor do irrestrito apoio do Brasil. Rui Barbosa, já muito antes da grande provação mundial de 1914, foi o inegualável paladino da igualdade das nações. Por outro lado, se fálhou miseravelmente a Liga das Nações, foi, entre várias causas, por ter sido antes aristocrática, do que democrática, a sua organização. Valha-nos agora, senão o alto pensamento dos grandes espiritos, pelo menos a dolorosa experiência de um passado recente.

RAUL PILLA

16-12-43